

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: UMA LEITURA REPRESENTATIVA DA CIDADE

Adriana Simeone

PROURB- Programa de Pós-Graduação
em Urbanismo/FAU/UFRJ
asimeone@ufrj.br



Resumo

O artigo trata de trabalho realizado sobre o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, cujo enfoque principal é a discussão sobre o conceito de ícone urbano. Através da análise deste significativo elemento arquitetônico da cidade, procurou-se depreender os aspectos que o tornaram relevante para o contexto urbano e, utilizando recursos gráficos, elaborar, a partir dele, uma leitura representativa da cidade. A pesquisa teve como resultado uma série de vinte e dois cartões impressos, que articulam fotos, mapas, charges, desenhos, artigos de jornal e crônicas publicadas. A partir desse material está em desenvolvimento a versão para o meio digital, sob a forma de um site.

Abstract

The article is written on a work on Municipal Theater of Rio de Janeiro, it discuss mainly the concept of urban icon. We attempted to infer the aspects that made it as relevant as it is for the urban contest by the analysis of this meaningful architectonic element of this city. Furthermore, we also tried to elaborate, using graphic resources, a representative reading of the city based on it. The research resulted in a sequence of twenty two printed cards, which displays photographs, maps, charges drawings, newspaper articles and chronicles published in the period. Based on this work, a version for digital media is being developed as a site.

Ícone de um sonho de cidade

O trabalho realizado sobre o Teatro Municipal do Rio de Janeiro teve como motivação inicial a disciplina “Ícones na Cidade: Interpretação e Representação” do curso de Mestrado em Urbanismo do PROURB – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A proposta da disciplina, concebida e ministrada pelos Profs. Roberto Segre, José Ripper Kós, José Barki, Andréa Borde, Naylor Vilas Boas e Paulo Vidal, foi trazer à discussão o conceito de ícone urbano, procurando, através da análise de significativos elementos arquitetônicos da cidade do Rio de Janeiro, depreender os aspectos que os tornaram relevantes para o contexto urbano. Assim, cada aluno deveria eleger um prédio que considerasse importante e, utilizando recursos gráficos, elaborar, a partir dele, uma nova leitura da cidade.

Minha escolha pelo Teatro Municipal se justifica pela pregnância deste edifício no imaginário urbano do centro da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente da área popularmente conhecida como Cinelândia. O trabalho desenvolvido pretende demonstrar como esta edificação constitui-se em ícone do processo de transformação radical da cidade ocorrido no início do século XX, na medida em que a sua construção, resposta aos anseios da burguesia carioca por ares de civilização, é condicionada pelos mesmos fatores ideológicos e históricos que promoveram a demolição de um trecho considerável da área central da cidade para a abertura da grande Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. O teatro simboliza então

um sonho de cidade, que via no rompimento com o passado colonial e na reconstrução do espaço a partir da adaptação de modelos estrangeiros, a única maneira de inserir-se no rol das grandes capitais internacionais e, ao mesmo tempo, contemplar os ideais de ordem e progresso da República recém-instaurada.

A pesquisa, que iniciou-se com um extenso levantamento bibliográfico e iconográfico sobre o tema, teve como resultado uma série de vinte e dois cartões impressos, frente e verso. Ao optar pelo desenvolvimento do conjunto de cartões, a intenção era a de dar ao leitor a liberdade de fazer conexões entre eles, na medida em que poderiam ser lidos tanto individualmente quanto em conjuntos variados. Cada um dos cartões articula fotos, mapas, charges, desenhos e textos relativos ao tópico por ele abordado. A utilização de artigos de jornal e crônicas publicadas à época como texto exclusivo do trabalho permite que se compreenda esse importante momento de mudanças através dos relatos, ricos em detalhes, de personalidades como o poeta Olavo Bilac e os cronistas João do Rio e Lima Barreto, entre outros. A seleção e compilação desses textos foi orientada no sentido de conduzir a leitura, interagindo com as informações fornecidas pelo material gráfico na caracterização da atmosfera da cidade do início do século XX, período em que o teatro foi construído. Baseado em importantes trabalhos de pesquisa histórica que abordaram o Teatro Municipal e seu entorno como tema, o trabalho oferece como contribuição ao meio acadêmico justamente a construção da relação entre as imagens e os



textos, isto é, a articulação entre esses elementos na busca da representação do que fez dessa edificação um dos prédios mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, tanto em termos arquitetônicos como em termos simbólicos.

Para facilitar a consulta, os cartões foram divididos em quatro blocos temáticos, identificados por tratamento cromático diferenciado. Quando necessário, esses blocos sofreram também divisões em subtemas. Como veremos mais detalhadamente nos tópicos a seguir, o primeiro bloco analisa as motivações para a abertura da Av. Central e as expectativas, ora positivas, ora negativas, geradas em torno dela; além disso aponta os principais condicionantes para a construção do Teatro Municipal. O segundo demonstra a influência e difusão do modelo parisiense à época. O terceiro aborda graficamente a evolução do entorno do Teatro Municipal. O quarto e último bloco apresenta dois temas interligados: o aspecto físico do teatro, tanto interno como externo, e sua relação com os usuários.

Como forma de introduzir ao artigo um pouco do diálogo com os textos de época proposto pelo trabalho, alguns trechos são incluídos como notas de pé de página, para “ilustrar” os temas abordados.

Bloco 1 – A construção do ícone

A construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro está intimamente vinculada ao processo que levou à abertura da Av. Central, inaugurada em 1906. Por essa razão o primeiro bloco <Figura 1> dedica quatro de seus cartões – “as motivações”; “as expectativas”; “a inauguração da avenida”; e “o impacto da avenida”- a explorar de forma sucinta esse momento histórico, cujas principais questões abordadas são apresentadas a seguir.



Fig 1 – À esquerda, “a inauguração do Teatro”, pertencente ao primeiro bloco. À direita, “a era Garnier”, do segundo bloco.

O processo de transformação urbana ocorrido na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX não pode ser entendido isolado do contexto histórico, político, social e ideológico que o condicionou. Havia no Rio de Janeiro, nesse período, uma situação de precariedade muito particular, herdada do período colonial e as epidemias que se alastravam principalmente nas áreas centrais, onde a densidade populacional era maior, apontavam para um grave problema de salubridade.

Por esses problemas, a imagem que repercutia em âmbito internacional, da capital, e por conseguinte de todo país, era a de um lugar atrasado, primitivo e até mesmo perigoso, o que sem dúvida

comprometia possíveis interesses de investidores estrangeiros. Esse aspecto fazia com que as reformas necessárias dissessem respeito não só ao Rio de Janeiro, mas ao Brasil, já que as cidades-capitais tinham a função de representar o país a que pertenciam. Isso explica o grande incentivo recebido do presidente Rodrigues Alves, que teve na abertura da Av. Central uma das principais realizações do seu governo.

Partindo das experiências realizadas em Paris, e buscando sanear e embelezar a cidade, o plano proposto pelo prefeito Pereira Passos concebia a cidade como totalidade. Tinha como objetivo intervir principalmente nas áreas mais densas, desapropriando antigas habitações para demolição, sob a perspectiva de que seria importante destruir tudo que remetesse ao atraso do passado colonial.

O projeto das novas avenidas previa a hierarquização das vias e a conexão entre os elementos políticos, culturais e naturais mais importantes. Segundo BENETTI(1997), constituíram grandes corredores de passagem através dos quais os estrangeiros podiam circular, entrando em contato com o que de melhor poderia se oferecer na cidade. A idéia era fazer da imagem da nova cidade-capital um cartão de visitas capaz de demonstrar o poderio e o grau de civilização da nação, convencendo o estrangeiro do seu potencial de investimento e atraindo capital externo.

Os demais cartões desse primeiro bloco, intitulados “o concurso”, “o teatro em processo”, “a inauguração do teatro”, e “o impacto do teatro”, foram destinados a tratar da construção do Teatro Municipal, demonstrando a importância simbólica deste edifício desde antes da sua implantação. A seguir apresentam-se os principais temas abordados pelo trabalho sobre esse assunto.

A iniciativa de construção do Teatro Municipal incluiu-se nos esforços de rompimento com o passado colonial, que tinham como principal objetivo o fortalecimento da imagem do Rio de Janeiro entre as grandes capitais internacionais. LIMA (2000) diz que, nessa época, o autor de dramas realistas e comédias Arthur Azevedo, através de seus artigos diários na seção de teatro do jornal *O País*, já clamava pela criação de um conservatório dramático e de um bom teatro, que na concepção do autor deveria ser gerido pelo poder público, funcionando para o povo, e principalmente incentivando a apresentação de companhias de teatro nacionais.

Por outro lado, a burguesia carioca, grande motivadora do processo de transformação da cidade, ansiava por um palco onde as famílias da sociedade pudessem ver e ser vistas, e que estivesse à altura das casas de espetáculo de Paris e de outras cidades-capitais da América Latina. Foi nessa convergência de interesses distintos que o Prefeito Pereira Passos achou os pretextos necessários para a construção do Teatro.

O concurso, publicado em outubro de 1903, teve dois primeiros lugares, dentre as sete propostas de projeto apresentadas: a de pseudônimo “Isadora” e a de pseudônimo “Águila”. Inspirada no Opéra de Paris, de Charles Garnier, esta última, de autoria do engenheiro Francisco de Oliveira Passos, filho do prefeito, foi a escolhida e implementada após algumas modificações solicitadas, o que segundo LIMA (2000) gerou muita polêmica na época quanto à legitimidade do concurso.

Em 1909, o Teatro foi inaugurado, tendo demonstrado, desde então, a indiscutível importância simbólica do prédio para o entorno e para a cidade de um modo geral, marcada por seu caráter monumental.

Bloco 2 -O elogio a Paris

Para reverter o quadro e figurar no rol das grandes cidades-capitais, o que significava inserir-se no contexto de comércio, intercâmbio e circulação de mercadorias, foi necessário romper com o

passado colonial e investir na construção de uma nova ordem urbana, inspirando-se para isso nas grandes reformas europeias, principalmente a de Haussman em Paris.

Esse segundo bloco de cartões <Figura 1> é definido por três subtemas. Através do confronto de fotografias de ruas de Paris e do Rio no início do século XX e de cartazes de teatro, o cartão intitulado “O elogio a Paris” tem como objetivo demonstrar que a nova capital republicana foi moldada sob inspiração parisiense. Também no cartão “Viva o Opéra”, essa influência torna-se evidente nas semelhanças entre o Teatro Municipal e o Opéra de Paris, demonstradas através da comparação de plantas e de fotos. O cartão “A Era Garnier” pretende explorar a difusão do modelo parisiense de cidade-capital, não só para o Rio de Janeiro, mas também para outras cidades do Brasil e do mundo. Além do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1909), são apresentados outros teatros que constituem exemplos dessa influência, como é o caso do Teatro de Manaus (1896), do Teatro Municipal de São Paulo (1911), do Teatro Colón (1892), em Buenos Aires, do Teatro de Santiago do Chile (1910), entre outros, todos inspirados no Opéra de Paris, projeto de Charles Garnier, inaugurado em 1875.

Bloco 3- O teatro na cidade

O terceiro bloco de cartões <Figura 2> demonstra, através de mapas e fotos, a evolução da praça em que o teatro se insere. A intenção é estabelecer uma relação entre a edificação em estudo e o seu entorno imediato, procurando entender o contexto em que os vários elementos aparecem ou desaparecem, dinâmica que representa as transformações ocorridas na própria cidade. Também nesse grupo é possível observar as mudanças sofridas pela praça ao longo do tempo, em termos de configuração espacial e de nomenclatura.

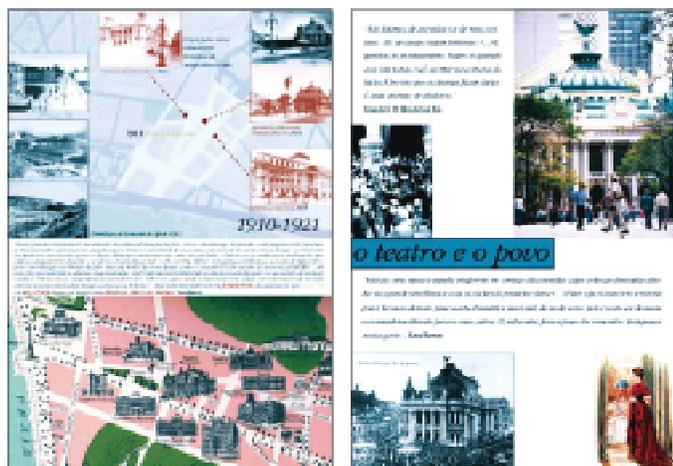


Fig 2 – À esquerda, cartão relativo ao período de 1910 a 1921, do conjunto “o teatro e a cidade”, terceiro bloco. À direita, “o teatro e o povo”, do quarto bloco.

Para facilitar a organização da seqüência temporal, o conteúdo apresenta-se dividido em alguns momentos. O primeiro deles diz respeito à época anterior à abertura da Av. Central, em que o espaço da praça onde o Teatro foi implantado ainda não estava demarcado. O segundo momento retrata justamente a abertura da Avenida e o aparecimento de grande parte dos prédios que irão conformá-la. O terceiro corresponde ao tempo imediatamente posterior, demonstrando algumas modificações ocorridas na configuração da Praça Floriano, determinadas pela retirada de elementos como o Convento da Ajuda e a inauguração de outros

como a Biblioteca Nacional. O quarto momento demonstra as alterações promovidas pelo Projeto de Alinhamento de 1922 e o quinto e último nos apresenta a praça após o Projeto de Alinhamento de 1987, bem próxima da sua configuração atual.

O objetivo desse grupo é além de demonstrar as alterações morfológicas do entorno do Teatro ao longo do tempo, através de plantas, mapas e fotografias, discutir como a relação de alturas e volumes entre os elementos arquitetônicos modificam a pregnância do próprio Teatro para o contexto urbano no qual se insere. Através da observação de algumas fotos é possível perceber que, muito embora o Teatro Municipal permaneça sendo um ícone da cidade do Rio de Janeiro, o impacto que exercia na paisagem do início do século vem sendo diluído pela grande quantidade de arranha-céus que aos poucos tomaram conta do seu entorno.

Bloco 4 - O teatro e o sonho

O quarto bloco de cartões <Figura2> aborda dois temas interligados: o aspecto físico do teatro e sua relação com os usuários. Se por um lado os cartões intitulados “O teatro e o sonho” apresentam os ambientes mais importantes do teatro, explorando o luxo e a monumentalidade que caracterizam essa edificação interna e externamente, por outro lado, o cartão “O teatro e o povo” tem como objetivo demonstrar que as motivações iniciais para ser um teatro para o povo, onde as companhias nacionais pudessem se apresentar, parecem não ter obtido êxito, na medida em que, desde a sua inauguração, ao contrário do que foi idealizado por Arthur Azevedo, o teatro foi um espaço utilizado para a apresentação de companhias estrangeiras, atendendo aos interesses de um público bastante restrito, a elite dominante, sendo predominantemente freqüentado por ela, como aconteceu também com a própria Av. Central.

É interessante notar que se por um lado a abertura da Av. Central implica a ampliação do espaço público, cujo acesso é, segundo BENETTI (1997), facilitado ou “democratizado” pela instalação das linhas de bonde, por outro lado esse processo acarreta também a expulsão dos menos favorecidos para áreas mais distantes do centro. De certa forma, a construção do Teatro reflete também esse caráter contraditório, na medida em que é impulsionada por uma demanda geral e passa a constituir um marco arquitetônico para a cidade, mas, ao mesmo tempo, não atende à população como um todo.

Conclusão

Partindo da proposta da disciplina “Ícones na Cidade: Interpretação e Representação”, tornou-se interessante pensar em uma síntese gráfica dos eventos que compõem a história do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O trabalho ao qual o artigo se refere procura abordar os temas tratados acima através da utilização de recursos gráficos, a partir dos quais é possível explorar tanto as imagens como os textos, extraindo deles as relações necessárias para se entender o contexto em que o Teatro foi construído, e mais do que isso, para desvendar o que ainda hoje faz dele um dos prédios mais importantes simbolicamente para a cidade. O diálogo entre textos e imagens reforça o discurso e recria a história, revelando vários dos seus pontos de vista. É interessante notar que, por estar lidando com artigos da própria época em que o teatro foi construído, o trabalho nos deu acesso, muitas vezes, a opiniões divergentes com relação aos fatos referentes a Av. Central e à construção do Teatro, como é caso dos elogios recebidos de João do Rio, e as duras críticas de Lima Barreto.

A proposta da série de cartões permite a leitura não-linear, que faz com que os leitores, instigados pelo apelo visual, apreendam do trabalho aspectos diferentes. No entanto, alguns fatores permeiam

o trabalho como um todo: a percepção de que a construção desse prédio foi envolta em polêmica, já que o Teatro Municipal representava o ícone de um sonho de cidade, que ao se realizar rompeu totalmente com o modelo anterior; e a demonstração de como o imaginário em torno da edificação foi se transformando ao longo do tempo.

Como forma de preservar e divulgar o trabalho acima descrito, está em desenvolvimento a versão para o meio digital, sob a forma de um site. Nele mantém-se o mesmo conteúdo, distribuído por grupos de cor, formados de cartões de temas complementares. Se, na versão impressa, o objetivo principal foi criar, a partir do objeto gráfico, uma estrutura não-linear de leitura, que permite que o próprio leitor vá construindo as relações entre os diversos segmentos de conteúdo, na versão multimídia essas relações são ainda facilitadas pela utilização de *hiperlinks*. Através desse recurso cria-se a possibilidade de leituras diversas, já que o leitor pode transitar de um cartão a outro, construindo o seu próprio discurso, sem contudo perder a noção do conjunto.

Referências:

- ABREU, Maurício de. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Jorge Zahar, 1987.
- A AVENIDA Central. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, 10 set 1904 Apud NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- **A TRIBUNA**, 15 de julho de 1909. Disponível em <http://www.uol.com.br/rionosjornais>. Acesso em: fev/mar 2002
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Vida Urbana**. Artigos e crônicas. Prefácio de Antonio Houaiss. São Paulo: Brasiliense, 1956 Apud LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- BENETTI, Pablo. **Projetos de Avenidas no Rio de Janeiro (1830-1995)**. Tese de Doutorado: FAU/USP, 1997. Cap. II – Um palco para a sociedade elegante: a abertura da Av. Central, pp.78-130.
- BILAC, Olavo [B. M. dos G.]. *Chronica*. **Kósmos** 1:3 (mar. 1904) Apud NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- **JORNAL DO BRASIL**, 14 de julho de 1909. Disponível em <http://www.uol.com.br/rionosjornais>. Acesso em: fev/mar 2002
- **JORNAL DO COMÉRCIO**, 16 de novembro de 1905. Disponível em <http://www.uol.com.br/rionosjornais>. Acesso em: fev/mar 2002
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RIO, João do. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro**. Edição “fac-símile” de exemplar de 1913. Rio de Janeiro: Salamandra, 1987.

